

A ILUSTRAÇÃO ORNITOLÓGICA NO BRASIL SOB A ÓTICA DA EXPRESSÃO GRÁFICA

Daniel Jorge de Menezes Mello¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma retrospectiva sobre a ilustração ornitológica encontrada em guias de aves no Brasil. Dentro dessa proposta, procura-se definir o que é ilustração ornitológica e como se atua profissionalmente na área, apontando alguns trabalhos e as técnicas de expressão gráfica que foram mais utilizadas pelos ilustradores nos guias de campo da avifauna brasileira.

Palavras-chave: ilustração científica, observação de aves, guia de campo, ornitologia, avifauna brasileira.

Abstract: This article aims to make a retrospective on the ornithological illustration found in bird guides in Brazil. Within this proposal, we try to define what is ornithological illustration and how it works professionally in the area, pointing out some works and the techniques of graphic expression that were most used by illustrators in the field guides of the Brazilian birds.

Keywords: scientific illustration, birdwatching, field guide, ornithology, Brazilian birds.

1 Reflexões iniciais

A ilustração ornitológica caracteriza-se como elemento fundamental nos guias de aves, publicações de cunho prático/didático nos quais são empregadas diversas técnicas de representação. Tais possibilidades gráficas geram expectativas aos seus usuários e resultados diferentes.

O Brasil vem presenciando nos últimos anos um crescimento expressivo no número de adeptos a atividades ligadas às aves, tanto no meio científico/acadêmico (Ornitologia e áreas afins) quanto no meio popular, em que a prática da observação de aves na natureza, ou *birdwatching*, tem sido intensamente difundida. Como consequência, nota-se uma demanda crescente por publicações – impressas ou não – destinadas a este público, e nesse contexto situam-se os guias de aves, instrumentos,

¹ Docente da Escola Mun. Sem. Nelson Carneiro, Queimados/RJ, danieljmmello@gmail.com

cuja finalidade é auxiliar no reconhecimento das espécies a partir de ilustrações das mesmas. Ciência e arte se misturam na produção desse tipo de material e, ao longo de décadas, ilustradores científicos têm-se esforçado para criar imagens cada vez mais fidedignas e eficientes no sentido de proporcionar uma identificação precisa. Em se tratando de um meio essencialmente visual, diversas são as possibilidades técnicas para representar as espécies em um guia de aves, bem como para relacionar as imagens entre si e entre outras informações gráficas ou textuais (diagramação). A escolha por uma determinada técnica pode ser um fator decisivo no sucesso da obra, como apontam Law e Lynch (1988) e Araújo (2009).

As questões relativas ao tema aqui proposto foram descritas em detalhe na monografia de título “Técnicas de Representação Gráfica em Ilustração Ornitológica”, apresentada como trabalho final no Curso de Especialização em Técnicas de Representação Gráfica, oferecido na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MELLO, 2015).

2 Uma breve abordagem teórica e literária

Em se tratando de ilustração científica na área da ornitologia, convém fazer uma reflexão inicial acerca de algumas questões que são pertinentes não apenas à ilustração de aves, mas à ilustração científica de uma maneira geral. A partir dos argumentos apresentados por alguns autores na literatura específica, será possível estabelecer uma relação teórica entre os assuntos aqui discutidos. A primeira e talvez mais importante dessas questões está relacionada ao entendimento contemporâneo do que seria, de fato, uma ilustração científica, ou, em outras palavras: aquilo que uma imagem precisa ter para ser considerada ilustração científica.

Como ponto de partida nessa discussão, cabe refletir sobre o pensamento de Correia (2009):

A melhor definição que se pode dar sobre o que é Ilustração Científica talvez esteja compreendida no entendimento do que é uma Imagem Útil - ou seja, que cumpre um fim objectivamente delimitado (transmitir uma mensagem, uma parcela do conhecimento científico, na forma de uma narrativa gráfica) - e Honesta (que é implicitamente credível, isto é, em que acreditamos ser factualmente verídica). Da Ciência, herdou o culto pelo rigor, pelos métodos e protocolos, pela explicação; da Arte, o incentivo daquilo que ao olhar causa impacto visual, pelo que é esteticamente belo e apelativo, gerador de sensações. De ambas, a necessidade de ser criativa e Universal, procurando ser acessível e passível de ser entendida e utilizada por todos. (CORREIA, 2009, p. 46)

Para ele, uma ilustração científica contempla, ao mesmo tempo, características que a situam entre a Ciência e a Arte, na medida em que tem a finalidade de representar com rigor aquilo que é estudado pelas Ciências, sem deixar de lado a preocupação com o apelo visual (estético), capaz de criar no receptor a empatia sensorial necessária para estimular a sua apreciação. Ainda assim, considera, em outra publicação, que a ilustração científica estaria “mais próxima da metodologia científica que da inspiração e manifestação artística” (CORREIA, 2012).

Nesse sentido, o trabalho do ilustrador científico pode ser compreendido como um exercício constante de “dosagem” emocional (artística), em sua atividade criadora, buscando a neutralidade intrínseca que irá fundamentar o caráter verossímil e didático das imagens por ele produzidas. Entretanto, Oliveira e Conduru (2004) ponderam que a linguagem gráfica utilizada em ilustração científica deve ser pensada de acordo com o público alvo que se deseja atingir:

O autor de um livro com ilustrações de animais ou plantas, por exemplo, deve ter em mente que tipo de público ele quer atingir e atender: se o livro é destinado a leitores menos especializados, o apelo visual é mais importante do que o compromisso com a precisão científica; se é uma publicação científica, as representações devem ser sobretudo claras e precisas cientificamente, e não esteticamente atraentes. (OLIVEIRA; CONDURU, 2004, p. 336)

Este pensamento é compartilhado pelo historiador e educador francês Charles Rollin, mencionado por Bruzzo (2004, p. 1365), que por volta de 1720 defendeu em seus escritos educacionais uma teoria da percepção que diferencia o “estudioso” do “não-especialista”, sendo o primeiro fascinado pelos “mecanismos invisíveis por trás das aparências”, enquanto ao segundo interessa uma “impressão mais direta do mundo captada pelos sentidos”. Seja qual for o público-alvo e/ou a intenção do ilustrador em tornar a imagem mais ou menos atrativa, um fator importante e decisivo no trabalho de quem se dedica a ilustrar Ciência é a busca permanente por uma representação honesta daquilo que se deseja ilustrar, como apontam Correia (2009, loc. cit.) e Danse (1990), autor citado por Oliveira e Conduru (op. cit., p.358), que utiliza o termo “verdade científica” para designar tal característica.

Nos domínios da ilustração botânica e zoológica (na qual se insere a ilustração de aves), sobretudo para fins de descrição visual de alguma espécie até então desconhecida para a Ciência – e também nos casos em que a mesma é pouco conhecida – um simples 'deslize' em termos de representação gráfica pode contribuir para cancelar uma visão distorcida da comunidade científica em relação a essa

espécie. Neste momento, surge uma segunda questão merecedora de cuidadosa reflexão no presente estudo, e cuja compreensão no contexto da ilustração ornitológica para guias de identificação de aves é fundamental: o que se entende por ilustrar uma espécie?

Obviamente, não caberá aqui esmiuçar o conceito de espécie em suas mais variadas formas de interpretação, até mesmo por se tratar de um debate complexo que se estende por séculos no universo das Ciências Biológicas. Porém, vale ressaltar que a partir da adoção do sistema de classificação taxonômica proposto por Lineu (1707-1778), somando-se às concepções defendidas por seu contemporâneo Buffon (1707-1788), a ilustração científica começou a ganhar uma nova dimensão, passando a ser encarada de maneira mais exigente nos momentos em que assumia a função de descrever visualmente - e de forma elucidativa - as espécies agora classificadas (BRUZZO, 2004).

Para tratar deste assunto, torna-se oportuno referir-se novamente a Fernando Correia, que ao escrever sobre ilustração de uma unidade taxonômica basilar – a espécie – apresenta o conceito de “indivíduo ideal”. Segundo esse autor, ilustrar uma espécie implica em representar um indivíduo “que reúne, em si e numa única imagem, o máximo de características taxonômicas que a tipifiquem e facilitem o reconhecimento comparativo de seus pares intraespecíficos” (CORREIA, 2011, p. 231).

Com base nessa concepção, para ilustrar uma espécie de modo descritivo/sintético, compete ao ilustrador científico a realização de um trabalho cujo resultado seria praticamente impossível de ser alcançado sem o auxílio de um cientista ou da Ciência (considerando que, em muitos casos, o próprio ilustrador acaba se tornando um pouco cientista e vice-versa). Ao trabalhar com a premissa de uma pesquisa aprofundada, buscando o maior número possível de referências confiáveis (imagéticas e textuais) o artista fundamenta a imagem produzida tornando-a credível enquanto representação do indivíduo “perfeito”, capaz de servir como referência visual de sua espécie.

Tal linha de raciocínio vem sendo adotada ao longo da história por muitos ilustradores que trabalham com a proposta de criar imagens descritivas de animais e plantas para compor guias e manuais científicos. No entanto, isso não evitou que muitas “incoerências” tenham ocorrido nesse sentido.

Considerando o contexto em que as ilustrações foram produzidas, é possível analisar uma obra deste porte e chegar a algumas conclusões a respeito do caráter

verossímil das imagens apresentadas. Como decorrência dessa problemática, é conveniente pensar sobre a seguinte questão: quando uma ilustração pode ser considerada representação fidedigna de uma espécie?

Para levantar essa discussão, Ford (1992, p. 71) utiliza o exemplo de uma famosa ilustração realizada por Albrecht Dürer: o desenho, feito em 1515 e posteriormente xilogravado pelo artista, representa um rinoceronte indiano (*Rhinoceros unicornis*), espécie que não era familiar aos “olhos europeus” até a imagem de Dürer vir à tona (Figura 1).



Figura 1 – Reprodução do desenho do rinoceronte de Albrecht Dürer, 1515
Fonte: FORD, 1992, p.70.

Entretanto, o próprio artista nunca havia observado um rinoceronte em toda a sua vida, tendo realizado o trabalho com base em um esboço e alguns relatos. Embora de uma qualidade plástica inquestionável, o rinoceronte de Dürer apresenta algumas características morfológicas que não condizem com as de sua espécie, como, por exemplo, um segundo chifre inexistente na espécie em questão, sendo, portanto uma ilustração imprecisa.

O ponto crucial nessa história é o fato de que a imagem criada por Dürer, embora considerada de uma época de “pré-ilustração científica”, passou a ser exaustivamente reproduzida, a ponto de figurar em diversos manuais científicos do mundo até o final do século XVIII, mesmo com os flagrantes erros de representação (CORREIA, 2010 apud CORREIA, 2012).

Alguns outros exemplos de ilustração científica, coletados ao longo do tempo, evidenciam situações nas quais o próprio artista teve que optar ou por uma representação essencialmente narrativa (evocando aspectos naturais como comportamento, habitat etc.) ou pela descrição baseada no ideal taxonômico

(ignorando a relação da espécie com seu habitat ou apenas sugerindo-o de forma simplificada), como aponta Ann Blum, pesquisadora da ilustração zoológica, citada por Bruzzo (op. cit., p.1367), ao examinar a produção de importantes ilustradores ornitológicos do século XIX.

Em sua análise, ela aponta as imprecisões existentes nas imagens produzidas por John James Audubon (1785-1851), para a respeitável obra de sua autoria intitulada “*Birds of America*”. Considerado um ícone da ilustração de aves, Audubon concebia propositalmente cada prancha como uma verdadeira narrativa visual, utilizando cenários primorosos e aves desenhadas em atitudes naturais, totalmente inseridas em seu habitat típico (Figura 2); por outro lado, tinha a tendência de alongar a cabeça e os olhos dos animais representados.

Da mesma maneira, seu contemporâneo Alexander Wilson (1766-1813), de grande referência na área, também é mencionado nesse aspecto: tinha o costume de alongar o corpo dos animais, embora suas pranchas tivessem outras características, tendendo a uma representação mais “estática” das espécies, fato que pode ser observado em sua obra “*American Ornithology*” (Figura 3). Em ambos os casos fica evidente, no discurso de Blum, que o resultado estético das ilustrações era consequência das escolhas e concepções dos próprios artistas, com certa influência das limitações existentes no processo de produção/reprodução das obras.



Figura 2 – Reprodução da prancha de número 211 (*Great blue Heron*), em *Birds of America*, de John James Audubon, 1834.



Figura 3 – Reprodução da prancha de número 01 em *American Ornithology*, de Alexander Wilson, 1808.

Todavia, há alguns casos nos quais as “incoerências” na representação de uma determinada espécie não são oriundas da decisão do ilustrador que a realiza. Irming Schanner (1998), ao analisar problemas dessa ordem encontrados em ilustração botânica, aponta alguns fatores que podem contribuir para este resultado.

A falta de comunicação/entrosamento entre o cientista e o artista no processo de realização das ilustrações, no entender de Schanner, seria responsável pela maioria dos problemas relacionados à qualidade das imagens. O segundo fator assinalado seria a qualidade (ou estado de conservação) do próprio material biológico fornecido ao ilustrador como modelo. Isso explica o fato de que muitas espécies que carecem de material coletado (espécimes depositados em coleções de história natural) acabam tendo como principal referência visual as ilustrações já feitas, o que pode acabar induzindo à reprodução dos mesmos erros. Outro motivo apontado seria o desconhecimento do ilustrador quanto à preparação correta do original para impressão, visto que algumas cores ou traços podem desaparecer ou se alterar durante este processo. Por último, ainda se pode considerar a falta de aptidão do ilustrador no que diz respeito à observação dos detalhes e à execução do trabalho propriamente dito.

Com base nessas informações, pode-se dizer que o ideal para constatar o nível de fidelidade representativa em ilustração científica na área das Ciências Biológicas é analisar todo o contexto em que a imagem foi produzida, comparando-a com outras representações gráficas que se referem à mesma espécie ilustrada e, sempre que possível, observar a própria espécie na natureza.

Ao serem vistos mais adiante alguns exemplos de ilustrações contidas nos guias ornitológicos publicados no Brasil, tornar-se-á perceptível que o ‘problema’ da distância existente entre o que se observa na natureza e o que está sendo representado por meio da ilustração não apenas é comum na história da ilustração científica, como também se reproduz na atualidade.

3 A ilustração ornitológica no Brasil

Versar sobre a história da ilustração ornitológica no Brasil demandaria um retorno ao início do século XVII, quando foram produzidos os primeiros desenhos minimamente fidedignos envolvendo espécies de aves brasileiras, encontrados na obra “História dos animais e árvores do Maranhão”, relatos do missionário português Frei Cristóvão de Lisboa, escritos entre 1625 e 1631 (SICK, 1997, p. 47). Contudo, por se tratar de um período demasiadamente extenso e objetivando contemplar a “parte da história” que mais interessa a este estudo, serão apresentadas a seguir (sinteticamente e em ordem

cronológica) algumas obras relevantes na área da Ornitologia brasileira publicadas a partir do século XX, selecionadas por apresentarem, além de um número expressivo de ilustrações, algumas das seguintes características:

- 1 - ser uma referência bibliográfica sobre o assunto;
- 2 - ter alcançado um grande público na época em que foi publicada;
- 3 - caracterizar-se como um importante meio de divulgação da avifauna brasileira;
- 4 - conter ilustrações que utilizam alguma(s) das técnicas de representação gráfica mencionadas no presente trabalho;
- 5 - possuir características de guia/manual para identificação de espécies.

A primeira obra dessa seleção data do início do século XX, com sua 1ª edição publicada entre os anos de 1900 e 1906; trata-se do “Álbum de Aves Amazônicas” (*Die Vogelwelt am Amazonenstrom*, em alemão), de Augusto Emilio Goeldi (1859-1917), no qual chamam atenção as belíssimas ilustrações feitas por Ernst Lohse (Figura 4). Impressas em cromolitografia, as pranchas contidas nessa obra apresentam as aves em poses naturais e, por vezes, contextualizadas em sua vegetação característica (seguindo um pouco da ‘tradição’ criada por John James Audubon). Lohse é citado por Osvaldo Rodrigues da Cunha (notório pesquisador do Museu Emílio Goeldi) como um “incomparável artista, que sabia como ninguém captar as belezas da fauna silvestre e do meio ambiente para o papel”.



Figura 4 - Ilustrações de Ernst Lohse para o “Álbum de Aves Amazônicas”;
prancha 18 - picapaus
Fonte: GOELDI, 1900-1906.

Já nos anos de 1938/1940, surgem as publicações que viriam a se tornar dois clássicos da Ornitologia brasileira: “Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil” (1938) e “Pássaros do Brasil: vida e costumes dos pássaros” (1940), de autoria de Eurico Santos, considerado um dos maiores divulgadores da fauna brasileira (NOMURA, 2005). As ilustrações que integram o conjunto dessa obra apresentam-se sob formas de pranchas coloridas (Figura 5) e desenhos em preto e branco (nanquim), tendo sido realizadas por diferentes artistas: Branca de Castro (capa), Miriam Colonna, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria.



Figura 5 – Ilustrações de Ruth Doris Secchin para o livro “Pássaros do Brasil: vida e costumes dos pássaros”
Fonte: SANTOS, 1940.

Embora fosse notável o embasamento científico na produção literária de Eurico Santos, suas publicações eram totalmente voltadas ao público leigo. Nesse sentido, analisando as pranchas ilustradas nos livros citados é possível constatar que não havia uma grande preocupação com a representação fidedigna das espécies (haja vista as distorções morfológicas encontradas). Para Straube (2009, p. 45), esses artistas “imprimiam um estilo todo peculiar, muitas vezes fantasioso, à temática”. Mesmo assim, os livros de Santos contribuíram imensamente para a

formação de muitos estudiosos que hoje atuam nas diversas áreas das ciências biológicas no Brasil, devido ao seu “estilo simples e muito agradável” (Ibid., p. 39).

Praticamente no mesmo período (1938/1944), Olivério Pinto, o “pai da Ornitologia Brasileira” (ALVARENGA, 1996), lançava seu “Catálogo de Aves do Brasil” dividido em 2 volumes, totalizando 1266 páginas. A obra, considerada um marco nas publicações ornitológicas do Brasil, tinha um caráter essencialmente científico, direcionada principalmente a ornitólogos. O artista holandês que ilustrou suas pranchas - T. G. Meissner - apesar de muito habilidoso não conhecia a maioria das espécies em campo, sendo possível notar uma certa “estilização” das aves representadas em alguns de seus desenhos (Figura 6) tanto na forma quanto nas cores, embora a publicação também possua pranchas impressas em escala de cinza.



Figura 6 - Ilustrações de T. G. Meissner para o “Catálogo de Aves do Brasil”
Fonte: PINTO, 1944.

Ainda assim, suas ilustrações tiveram suma importância na obra, como pode ser conferido nas palavras do autor do catálogo:

“As magníficas pranchas intercaladas agora ao texto, obra do exímio artista holandês G. Meissner, por mais que venham ferir a praxe seguida nos trabalhos deste gênero, contribuem para mitigar a aridez do livro, tornando-o, sem prejuízo para os especialistas da ornitologia, mais atraente e prestadio fora do círculo limitado destes últimos”. (PINTO, 1944, p. 3).

Vinte anos mais tarde, Olivério Pinto publicou o 1º volume de “Ornitologia Brasileira” (1964), com ilustrações do mesmo artista, porém nitidamente mais fiéis no que diz respeito à representação das espécies. Lamentavelmente, os volumes seguintes da obra não foram publicados, ainda que tenham sido praticamente concluídos; nesse contexto, é possível reconhecer um grande amadurecimento técnico por parte de Meissner em ilustrar a avifauna brasileira, fato que pode ser constatado quando se observa de perto uma de suas pranchas não publicadas (Figura 7).



Figura 7 - Prancha ilustrada por T. G. Meissner para um volume não publicado de “Ornitologia Brasileira”

Também no ano de 1964, Johan Dalgas Frisch publicava em coautoria com seu pai Svend Frisch a primeira parte da obra “Aves Brasileiras”, que ganhou uma nova edição em 1981, atualizada e ampliada. É importante salientar o caráter prático dessa publicação; foi pensada como um verdadeiro guia para identificação de aves brasileiras (Figura 8). As 1567 ilustrações contidas na 2ª edição, feitas a lápis de cor pelo próprio Svend Frisch, o qual possuía formação artística em Pintura, contribuíram para tornar essa obra um grande sucesso editorial, já que se tratava do guia de aves mais completo produzido no Brasil até então. Tal repercussão incentivou Frisch a publicar,

no ano de 2005, mais uma edição de sua obra, porém sob o nome de “Aves Brasileiras e as Plantas que as Atraem”, que inclui um número considerável de ilustrações botânicas, além de fotografias que mostram a interação entre aves e plantas.

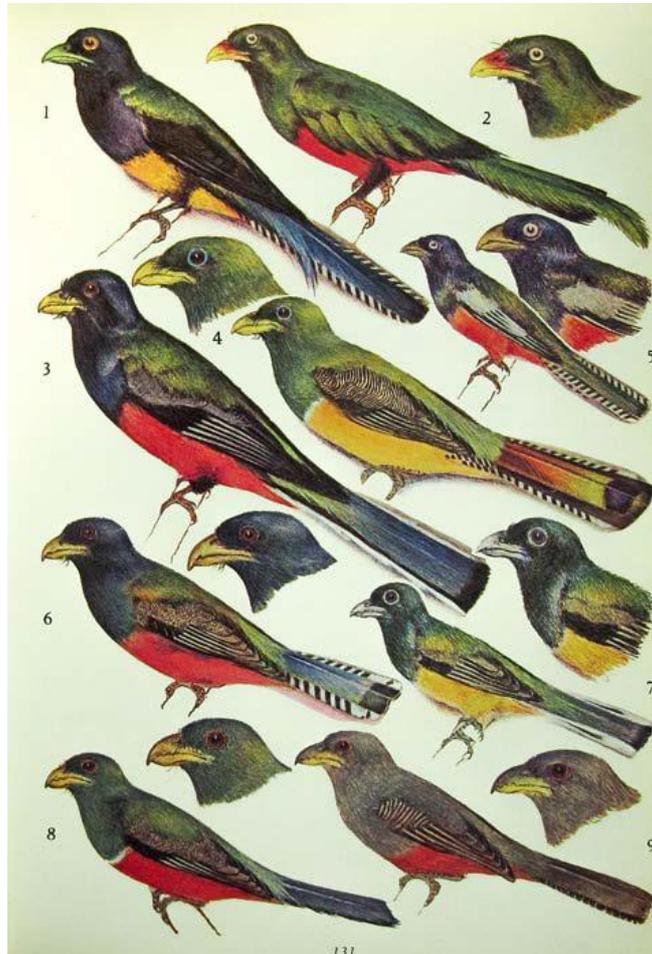


Figura 8 - Prancha com ilustrações de Svend Frisch para o livro “Aves Brasileiras”
Fonte: FRISCH, 1981, p. 131.

Já em 1985, Helmut Sick, prestigiado ornitólogo alemão naturalizado no Brasil, lança sua primeira edição de “Ornitologia Brasileira”, obra considerada por muitos como a “bíblia” dos ornitólogos deste país. Além da vasta gama de informações textuais, o livro conta com inúmeras ilustrações feitas pelo pintor e naturalista francês Paul Barruel, as quais se apresentam sob a forma de desenhos esquemáticos no corpo do texto (em nanquim) e por meio das pranchas coloridas em aquarela (Figura 9). Impressiona aqui a fidelidade alcançada na representação, sobretudo quanto às cores, merecendo igual destaque o cuidado do artista na relação de tamanho/proporção entre as espécies. A segunda edição de Ornitologia Brasileira foi publicada em 1997 e inclui pranchas extras, ilustradas por John P. O’Neill.



Figura 9 - Ilustrações de Paul Barruel (à esquerda) e John P. O'Neill (à direita) para o livro "Ornitologia Brasileira", de Helmut Sick; Pranchas 39 e 44
Fonte: SICK997.

No contexto das publicações relativas à década de 90, cabe um parêntese para citar uma obra que, apesar de não ter sido editorialmente expressiva como as outras que compõem esta seleção, apresenta uma característica inovadora no Brasil em termos de representação gráfica; trata-se do livro/guia "Aves de Goiânia" (1997), de autoria do ornitólogo José Hidasi, no qual as espécies são ilustradas com fotografias de aves empalhadas (espécimes de museu), feitas pela fotógrafa Mariza Sousa (Figura 10). Esse aspecto confere à obra um caráter ao mesmo tempo naturalista e grotesco, pois enquanto as proporções morfológicas são representadas de modo bastante fidedigno, em alguns casos o estado de conservação da pele descaracteriza consideravelmente a plumagem da ave, a ponto de prejudicar seu reconhecimento.

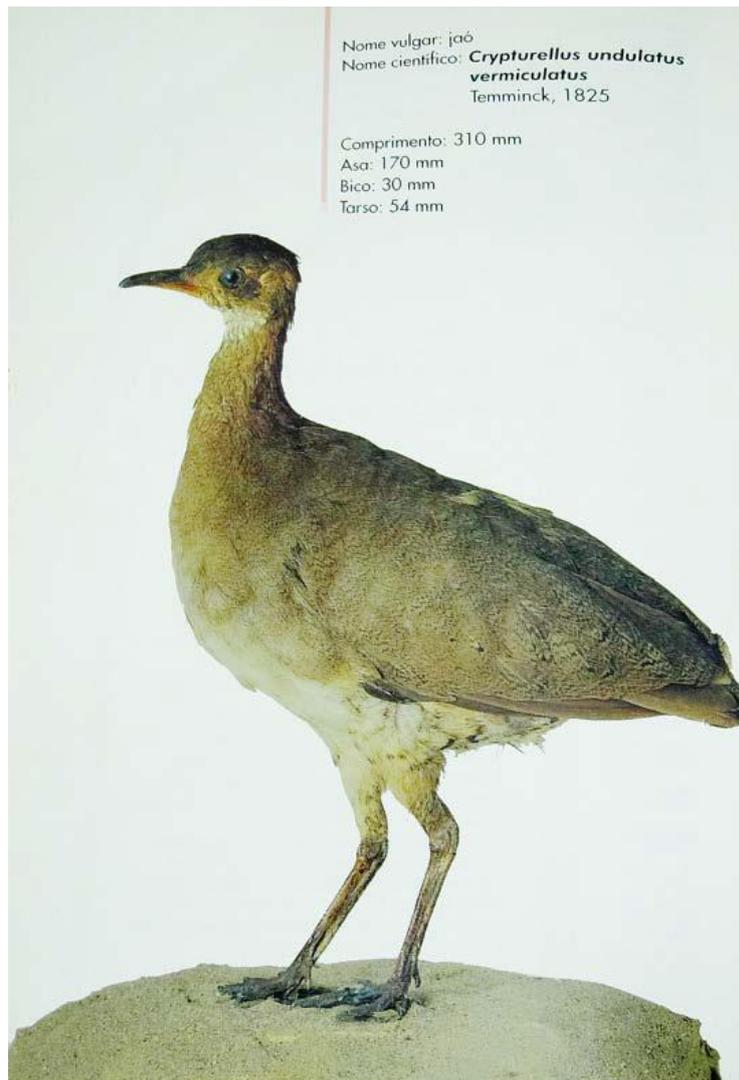


Figura 10 - Exemplo de fotografia ilustrativa de Mariza Sousa no livro “Aves de Goiânia”, representando um jaó (*C. undulatus*)
Fonte: HIDASI, 1997, p.14.

Em 1998, apresentando-se como mais uma opção de guia ornitológico no Brasil, Deodato Souza publica sua primeira edição de “Todas as Aves do Brasil – Guia de Campo para Identificação”, com ilustrações feitas pelo autor e por Osmar Borges. As espécies são representadas por meio de aquarelas relativamente simples, porém conseguem cumprir a sua função (Figura 11).

Na segunda edição da obra, publicada em 2004, há desenhos novos e um grande número de ilustrações anteriores que foram radicalmente melhoradas. Nota-se, entretanto, que muitas representações pecam no aspecto da fidelidade de cores, principalmente quando tratam de espécies que se destacam pelo colorido intenso que apresentam na natureza (algo que não foi conseguido na impressão do livro).

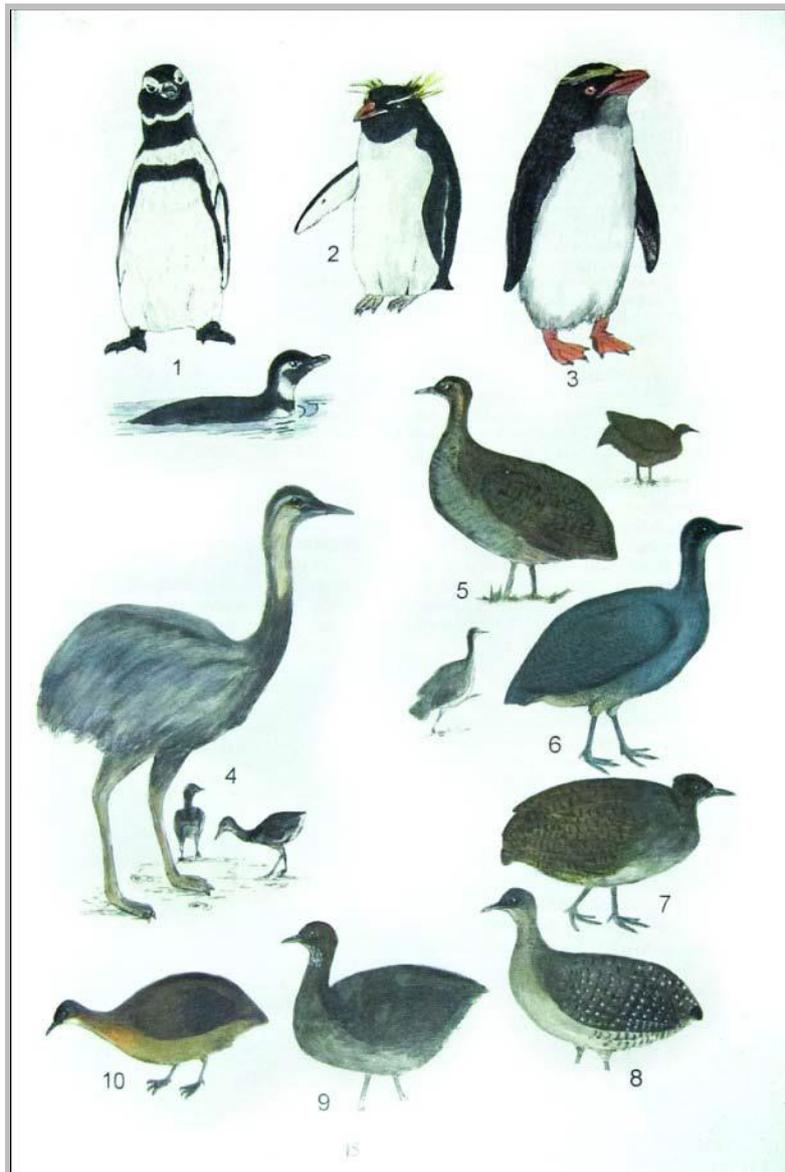


Figura 11 - Prancha ilustrada por Osmar Borges para o livro “Todas as Aves do Brasil”
Fonte: SOUZA, 1998, p. 15.

No ano 2000, merece ser citada a publicação de “Brasil 500 pássaros” (Figuras 12(a) e 12(b)), livro produzido pela Eletronorte em comemoração aos 500 anos do ‘descobrimento’ do Brasil, editado em meio impresso e digital (website). De natureza essencialmente divulgadora, este trabalho integra múltiplas linguagens artísticas e apresenta 500 espécies de aves brasileiras ricamente ilustradas pelas aquarelas de Antônio Martins. A versão digital da obra permitiu que muitos *birdwatchers* iniciantes pudessem utilizá-la como guia para identificar as espécies mais comuns que ocorrem no Brasil, sendo, portanto, um passo importante na história recente da ilustração ornitológica brasileira.



Figura 12 – Imagens ilustrativas do livro “Brasil 500 pássaros”: (a) capa da publicação impressa; (b) um exemplo de página ilustrada do livro

Não há como deixar de mencionar, também neste período, o surgimento da primeira grande obra de Tomas Sigrist (2004), intitulada “Aves do Brasil – Uma Visão Artística”, um livro ao mesmo tempo técnico e artístico, que o consagrou como um dos ilustradores de aves mais conhecidos do país, tendo criado inclusive sua própria editora, a *Avis Brasilis*, que hoje se dedica a publicações voltadas para a divulgação da fauna e flora do Brasil. Após a primeira edição de “Aves do Brasil”, Sigrist lançou diversos outros guias de campo para identificação de aves brasileiras (incluindo novas edições das mesmas obras), em que as espécies são representadas por meio de pranchas coloridas em aquarela (Figura 13) e desenhos esquemáticos a lápis, que complementam as informações textuais apresentadas. Além das ilustrações do próprio autor, algumas de suas obras contam também com as produzidas por Eduardo Brettas, às quais se dará um enfoque mais adiante.

Em se tratando de um período de certa popularização da observação de aves no país, tendo como consequência a crescente demanda pelos guias de campo regionais, cabe citar a primeira edição do “Guia de Campo: Aves da Grande São Paulo” (2004), de autoria de Pedro Develey e Edson Endrigo, um dos pioneiros da fotografia de aves no Brasil, que, além deste, também possui mais de uma dezena de trabalhos publicados com a mesma temática. Sua obra situa-se no contexto da ilustração ornitológica a partir do momento em que utiliza fotografias como forma de representação das espécies nos dois guias de campo por ele produzidos, destacando-se a qualidade técnica e didática alcançada nas fotos contidas em seu último “Guia Fotográfico – Aves do Pantanal” (2012, Figura 14).

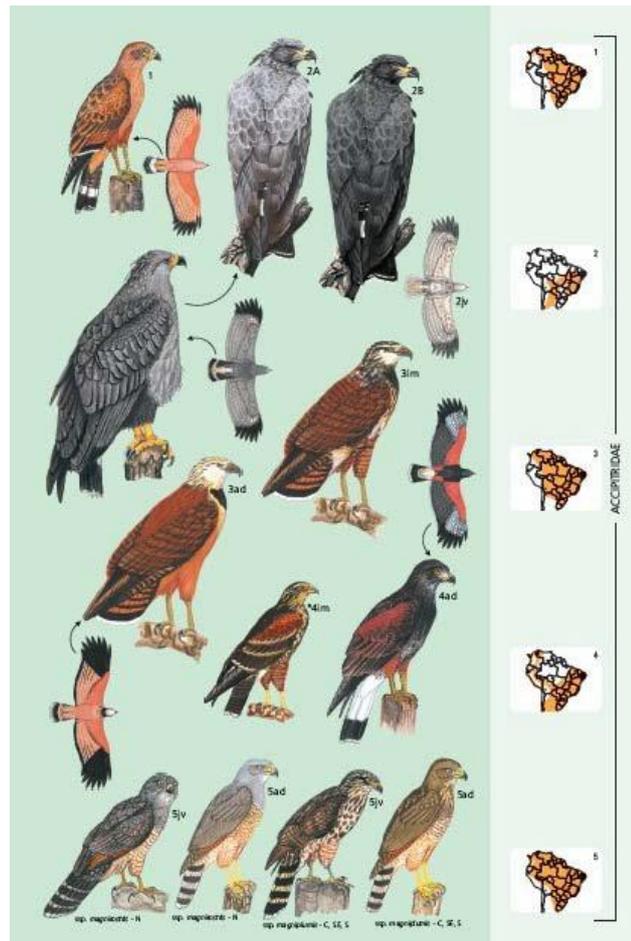


Figura 13 - Prancha ilustrada por Tomas Sigrist em seu “Guia de Campo: Avifauna Brasileira”, 4ª edição
Fonte: SIGRIST, 2014, p. 189.

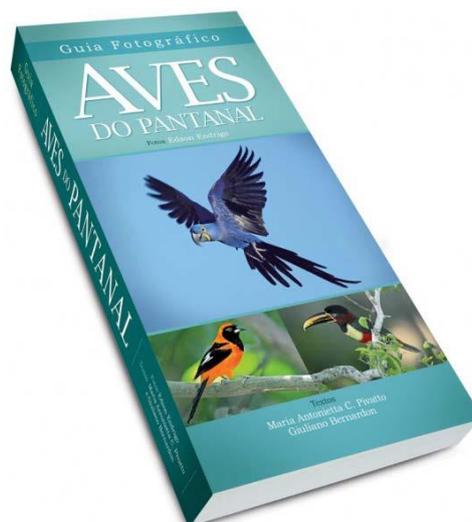


Figura 14 - Capa do “Guia Fotográfico – Aves do Pantanal”, com fotos ilustrativas de Edson Endrigo
Fonte: ENDRIGO, 2012.

Para fechar a lista das obras selecionadas, cita-se o “Guia Completo para Identificação das Aves do Brasil”, de Rolf Grantsau (2010), ilustrador e cientista de grande prestígio na área da Ornitologia. Sua obra, publicada em 2 volumes, conta com 2800 ilustrações em cores que representam todas as espécies e subespécies de aves brasileiras reconhecidas até então (considerando-se o período em que foi lançada). Além de se configurar como a publicação mais completa do gênero no Brasil, este livro representa um marco importante na ilustração ornitológica brasileira, pois as técnicas de representação gráfica utilizadas combinam o uso dos métodos tradicionais e contemporâneos (aquarela, fotografia, pintura digital, etc.), gerando resultados inéditos para um guia ornitológico produzido no país (Figura 15).

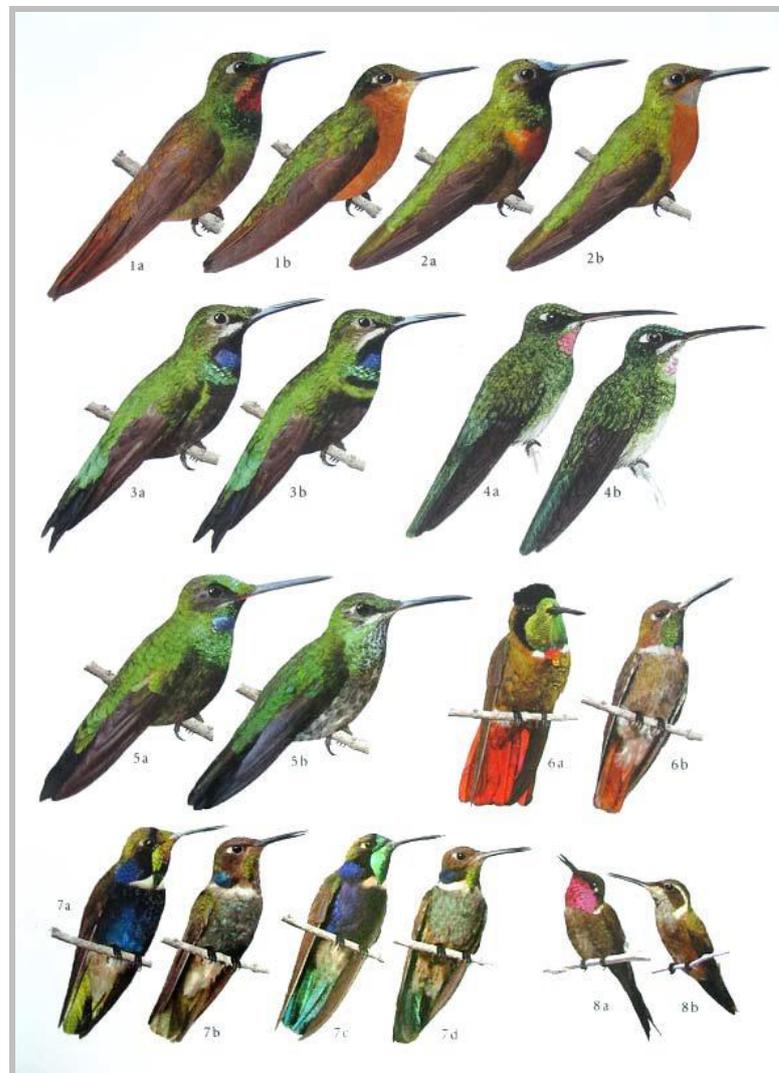


Figura 15 - Uma das pranchas do “Guia Completo para Identificação das Aves do Brasil”, de Rolf Grantsau, no qual o autor utiliza técnicas mistas para representar as espécies
Fonte: GRANTSAU, 2010, prancha 84.

Antes de encerrar, porém, é imprescindível referir-se a alguns nomes de ilustradores de aves que atuam no Brasil com grande expressividade no cenário atual, embora muitas vezes seus trabalhos estejam vinculados a publicações estritamente científicas e, portanto, com maior visibilidade dentro do círculo acadêmico. São eles: Jorge Bruno Nacinovic, Rafael Dutra, Rogério Lupo, Marcos A. Santos Silva, Priscila Fernandez e Eduardo Brettas, entre outros. Este último se destaca pela qualidade ímpar de seus trabalhos, como os editados no livro “Tucanos das Américas” (ALVARENGA & BRETTAS, 2004: Figura 16), e tem sido requisitado para ilustrar obras grandiosas - ainda não publicadas - no Brasil e no exterior, tais como "Beija-flores - Jóias aladas do Brasil" e “*Field Guide to the Birds of Brazil*” (Princeton University Press).



Figura 16 - Ilustração de Eduardo Brettas no livro “Tucanos das Américas”, de Herculano Alvarenga e Eduardo Brettas (2004).

4 Considerações finais

Observando o panorama histórico da ilustração científica aplicada aos guias de aves produzidos no Brasil, é impossível negar que a recente “explosão” da Fotografia ornitológica foi um divisor de águas na vida de artistas que já atuavam

profissionalmente na área da ilustração científica, bem como representa um verdadeiro desafio aos novos ilustradores.

As diferentes técnicas de gravura, que no passado eram muito utilizadas na concepção de pranchas ornitológicas, atualmente não são mais empregadas pelos ilustradores brasileiros. Para os profissionais que ainda preferem trabalhar apenas com os meios "tradicionais" em suas produções, os desenhos a grafite, seguidos de pinturas em aquarela, guache, tinta acrílica ou lápis de cor continuam sendo as principais técnicas aplicadas.

Por outro lado, muitos artistas têm usufruído da Fotografia em uma ou mais etapas de produção das imagens, por vezes fundindo esta com as técnicas usadas anteriormente. As pranchas dos beija-flores contidas no guia mencionado na figura 15, por exemplo, já sinalizavam a necessidade de diálogo com as novas tecnologias.

Nesse sentido, consideramos o site "Wikiaves", que hoje disponibiliza gratuitamente mais de dois milhões de imagens em seu crescente acervo fotográfico, uma fonte riquíssima de comunicação visual sobre a avifauna brasileira. Tal quantidade de informações acessíveis de maneira praticamente instantânea seria inimaginável no Brasil de uma década atrás.

Como consequência, tem-se notado uma considerável evolução qualitativa no campo da ilustração ornitológica, não somente no que diz respeito ao aperfeiçoamento técnico/artístico de quem a produz, mas, sobretudo, na busca por uma fidelidade cada vez maior na representação das espécies. Observa-se tal preocupação na obra de Eduardo Brettas, que é considerado um dos maiores ilustradores ornitológicos da atualidade.

Com tantas imagens disponíveis na internet, e com o público de observadores de aves no Brasil tendendo a ser mais numeroso e exigente, buscar um diferencial ou a excelência nesse campo da expressão gráfica não se tornou apenas uma questão de adequação aos novos tempos, mas também uma forma de sobrevivência para esse tipo de arte.

Agradecimentos

O autor agradece à Prof^a. Dr^a Isis Fernandes Braga, por tê-lo orientado ao longo do desenvolvimento da pesquisa que deu origem ao presente artigo, e à Prof^a Dr^a Maria Helena Wyllie L. Rodrigues, pelo incentivo e auxílio em sua elaboração.

Referências

ALVARENGA, H. M. F.; BRETTAS, E. **Tucanos das Américas**. Rio de Janeiro: M. Pontual Edições e Arte, 2004.

ALVARENGA, H. M. F. 1896-1996. **Centenário de Olivério Pinto: "o pai da ornitologia brasileira"**. *Atualidades Ornitológicas* 74 – Nov/dez 1996.

BRUZZO, C. **Biologia: educação e imagens**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1359-1378, Set./Dez 2004.

CORREIA, F. **A ilustração científica: "santuário" onde a arte e a ciência comungam**. *Visualidades*, Goiânia, Vol.9 n.2 p. 221-239. 2011.

_____. **Desenhar para (re)conhecer: o papel da ilustração científica nas missões científicas do espaço lusófono**. *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência*. IICT – JBT/Jardim Botânico Tropical. Lisboa, 24-26 outubro de 2012.

_____. **Ilustração Científica – desenhar o saber e o saber do desenho**. *Biologia & Sociedade*, nº 8: p. 39-41. 2009.

_____. **Ilustração Científica – imagem sobre(-o-)natural**. *Parques e Vida Selvagem*, nº 35: p. 45-47. 2011.

DANSE, S. Peter. **The art of natural history**. Nova York, Arch Cape Press, 1990.

DEVELEY, P. F.; ENDRIGO, E. **Guia de Campo: aves da Grande São Paulo**. São Paulo: Aves e Fotos Editora, 2004.

ENDRIGO, Edson. **Aves do Pantanal** Editora: Aves e Fotos, 2012.

FORD, B.J. **Images of science; a history of scientific illustration**. The British Library, London, 1992.

FRISCH, J. D.; FONTANA, O.; FRISCH, S. **Aves Brasileiras**. Vol. 1. São Paulo: Dalgas, 1981.

FRISCH, J. D.; FRISCH, C. D. **Aves brasileiras e as plantas que as atraem**. 3. ed. São Paulo: Dalgas Ecoltec - Ecologia Técnica, 2005.

GOELDI, E.A. **Álbun de aves amazônicas**. Zürich: Instituto Polygraphico a.g., 1900-06.

GRANTSOU, R. PALO JR., H. **Guia completo para identificação das aves do Brasil**. São Carlos, SP: Vento Verde, 2010.

HIDASI, J. **Aves de Goiânia**. Goiânia: Fundação Jaime Câmara, 1997.

LAW, J.; LYNCH, M. **Lists, field guides, and the descriptive organization of seeing: birdwatching as an exemplary observational activity**. *Human Studies*, Dordrecht, v. 11, p. 271-303, 1988.

MELLO, Daniel Jorge de M. Técnicas de Representação Gráfica em Ilustração Ornitológica; **monografia**, orientadora Isis Fernandes Braga, UFRJ, 2015.

NOMURA, H. **O grande divulgador Eurico Santos**. Atualidades Ornitológicas 123:4-5. 2005.

OLIVEIRA, R. L. de; CONDURU, R. **Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, Vol. 11(2). 2004.

PINTO, O. M. de O. **Catálogo das aves do Brasil**. São Paulo: Departamento de Zoologia, 1944.

_____ Ornitologia Brasiliense 1º vol. Editora do Estado, 1964.

SANTOS, E. **Pássaros do Brasil: Vida e costumes dos pássaros**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1940. SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SCHANNER, Irmgard. O desenho botânico como forma de expressão artística na obra de Margaret 1998 Mee. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-graduação em História da Arte (Antropologia da Arte).

SOUZA Deodato. **Todas as aves do Brasil: guia de campo para identificação**. Feira de Santana: Editora Dall (1998).

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**, versão revista e atualizada por José Fernando Pacheco. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil, 1997.

SIGRIST, T. **Aves do Brasil: uma visão artística**. São Paulo: Fosfertil, 2004.

_____ **Avifauna Brasileira**. São Paulo: Aves Brasilis 4ª ed, 2014.

STRAUBE, F. **Uma visão bio-bibliográfica de Eurico Santos: divulgador da natureza brasileira**. Atualidades Ornitológicas On-line 148 - Março/Abril 2009.